



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

Memórias dos pastéis

A conversa com um motorista me despertou evocações proustianas sobre os pastéis. Morei em São Paulo, dos 12 aos 16 anos, e enfrentava temperaturas de gelar a alma, durante o inverno paulistano. Definitivamente, sou tropical e solar, não me adapto ao frio, me sinto em outro país e em outro planeta.

Eu morava no bairro Jabaquara, voltava para casa ao cair da tarde e, mesmo

encapuzado, me encolhia todo, pisava e quase não sentia o chão. A sorte é que perto de casa havia um senhor com uma carochinha de pastéis fritos na hora. Acho que poderia concorrer ao prêmio Comida de Buteco ou Comida de Carochinha. Eram muito saborosos, quando saía da escola, logo pensava que tinha alguma coisa boa para fazer: comer pastéis. Eu carregava na pimenta, aquecia e confortava o corpo por alguns instantes.

Em nosso território do DF, talvez o pastel seja um dos lanches mais acessíveis. Se você está com fome e só tem algumas moedinhas, é possível que sejam suficientes para matar a fome. Tenho colegas de redação que, nos tempos

de estudante, entortavam caminho para passar pela Rodoviária do Plano Piloto e para comer a iguaria, com caldo de cana.

Nicolas Behr, frequentador assíduo daquelas paragens, imortalizou os famosos pastéis com um dos poemas em que estabelece associações entre o trivial e o sagrado, mas de maneira irônica ou autoirônica: “subo aos céus/pelas escadas rolantes/da rodoviária de Brasília/o corpo de cristo/aqui não é pão,/é pastel de carne.”

E, na sequência, ele arremata: “o sangue de cristo/aqui não é vinho,/é caldo de cana/o padroeiro desta cidade/é Dom Bosco ou Padre Cícero”. O professor e arquiteto Frederico Holanda

sempre leva visitantes ilustres, nacionais e estrangeiros, que recebe para conhecer a pastelaria popular.

Gosto de conversar com motoristas de táxi, pois eles veem e ouvem muitas histórias. Um motorista de táxi também trabalhava dirigindo ônibus. Ele me contou que estava com gastrite, procurou vários médicos, que não conseguiram detectar o problema. Até que encontrou um que perguntou onde trabalhava.

Ele informou que era motorista de uma empresa de ônibus e fazia lanches na Rodoviária. O médico ouviu a declaração como se recebesse a chave de um mistério: “Ah, então está tudo

explicado. Você come pastel todos os dias”. “Como é que o senhor sabe?”, replicou o motorista.

E o médico deu o diagnóstico fulminante: “Eu trato de muitos motoristas e todos vêm com o mesmo problema”. Sempre gostei muito de pastéis, mas, de repente, fiz um exame e constatei que o colesterol estava muito alto. Só podiam ser eles. Resolvi eliminar, sumariamente, o item do meu cardápio.

Não quero ditar cátedra, mas a verdade é que coloco a saúde acima de tudo. Pastel é uma comida saborosa e acessível, que salva muitos na hora da fome ou do frio. Mas, aprecie com moderação, se puder, é claro.

DENGUE / Sintomas deixam os pacientes impossibilitados de exercerem suas atividades diárias. Demora no atendimento nas unidades de saúde tem interferido ainda mais no dia a dia das pessoas que precisam trabalhar

Rotinas afetadas pela doença

» MILA FERREIRA
» GIULIA LUCHETTA

Para detectar a infecção por dengue é preciso aguardar, pelo menos, três dias, que é o tempo para que o teste rápido, conhecido como NSI, acuse a presença da doença. A infecção aparece no exame que mede o IGG e o IGM a partir do sexto dia de sintomas. O tempo de permanência de sintomas como dor de cabeça, dores no corpo, nos olhos e febre, por exemplo, atrapalha a rotina dos pacientes e têm gerado lotação e demora no atendimento nas unidades de saúde.

Em entrevista coletiva realizada ontem, a secretária de Saúde do Distrito Federal, Lucilene Florêncio, explicou que o motivo dos testes não estarem sendo realizados em alguns pacientes não é a falta de insumos. “Temos o tempo ouro para cada teste. Muitas vezes, se os sintomas começaram no mesmo dia ou no dia anterior, não adianta fazer o teste, pois será um desperdício de insumo. Pode dar um falso negativo. Nós estamos abastecidos de insumos. O Consórcio Brasil Central tem nos abastecido, e temos comprado junto com sete estados”, explicou. “A medida em que o estoque dos equipamentos vai caindo e ficando crítico, há um acionamento da Farmácia Central. Não temos falta (de insumos). Podemos afirmar com as notas de compras e estoques”, acrescentou.

Sintomas paralisantes

Na tenda instalada na administração regional do Sol Nascente, Ezailton Santos recebe soro pelo acesso intravenoso no braço esquerdo. Prostrado, com os olhos baixos, o homem de 40 anos, infectado com a dengue, teme ser demitido por ter perdido um dia de trabalho. Com a voz embargada, Ezailton afirma que onde trabalha, no Setor Comercial de Taguatinga, outros quatro funcionários também se infectaram pelo *Aedes aegypti*. “O meu horário é até às 16h e eu tive de ficar até às 19h, porque o outro rapaz estava doente com dengue. Eu falei que não estava bem, mas

ele (o chefe) quis que eu ficasse para apresentar o serviço. Me deixaram sozinho na empresa.”

Ao chegar em casa, o auxiliar de cozinha se sentiu exausto pelo excesso de trabalho, e aliviado, por não ter desmaiado durante o serviço. Além da fadiga, ele sentia fortes dores nos olhos e no corpo. Há três dias, Ezailton não está conseguindo se alimentar. “Eu já estava ruim, mas quando avisei, falaram que era corpo mole. Lá é assim, quando falta alguém a gente faz serviço por três pessoas”, protestou. O homem relatou, ainda, que próximo onde trabalha, há muitos insetos devido a um tonel de lixo parado na rua. “Eu não vou trabalhar doente”, murmurou.

Do outro lado da tenda, Cristina Cavalcante, 60, segura firme o corrimão para descer as escadas da carreta de assistência. Ela foi medicada, mas um problema no sistema de atendimento prolongou sua espera para receber o soro de hidratação. “Passei mal ontem no trabalho. Mesmo ruim, consegui voltar para casa”, relatou a moradora de Ceilândia.

No Hospital de Campanha da FAB, Regina Watanabe, 53, e José Vieira, 54, aguardam na recepção. A filha de José, Cláudia Vieira, 27 anos, havia acabado de ser levada para um leito, após chegar carregada à unidade de saúde. “Ela estava vomitando muito desde segunda-feira. Hoje, de manhã, me mandou mensagem e pediu para buscá-la. Quando cheguei, ela já estava desfalçada na casa dela”, relatou a amiga. José contou que Cláudia tem três filhos pequenos, que tiveram de ser levados para a casa da avó. “Ontem ela piorou, e tive de sair do Gama para ir a Taguatinga Norte, onde ela mora. Decidi vir para cá porque achei que seria mais rápido do que a UPA. Ela passou direto da triagem para a medicação, mas, por enquanto, não sei se vai para a internação.”

O comerciante autônomo Marcos Santos Souza, 46 anos, chegou ontem às 10h na UPA do Núcleo Bandeirante. O **Correio** conversou com Marcos por volta de 16h, que ainda não tinha sido atendido. “Trabalho por conta própria. Estou há quatro dias sem trabalhar,

Kayo Magalhães/CB/D.A Press



Pacientes encontram problemas na UPA do Núcleo Bandeirante, como demora para serem chamados

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Ezailton Santos: dificuldade para trabalhar

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Cristina Cavalcante teve problemas no atendimento

daí acabo ficando no prejuízo”, diz ele. “Nunca tinha sentido esses sintomas, é uma sensação de morte, achei que morreria hoje. Estou sentindo tudo há quatro dias, mas hoje foi pior.”

O transtorno também foi grande na vida de Maria Fernandes Lima, 53. Babá de duas crianças, ela combinou que ficaria com elas por alguns dias para que a mãe pudesse viajar. No entanto, começou a sentir fortes dores nas costas, nos olhos e na cabeça e foi à UPA do Núcleo Bandeirante. “Tive dengue outra vez e consegui trabalhar. Mas agora, os sintomas estão piores. Tive que pedir para a mãe da minha patroa ficar com as crianças”, relatou ela.

A aposentada Maria das Graças Gomes, 60, também foi à UPA do Núcleo Bandeirante acompanhar o filho, Manuel, 23, que desmaiou

no ônibus a caminho do trabalho. “Ele estava sentindo fortes dores no corpo e tontura. Chegou aqui na UPA às 5h e só chamaram para a triagem às 9h30”, narrou a mãe. A reportagem conversou com Manuel por volta de 19h50 e ele ainda estava na unidade de saúde aguardando o resultado do exame. “Pensemos em ir embora, mas já que o meu filho faltou o trabalho hoje, precisa ficar nem que seja para pegar o atestado médico”, salientou.

Profissionais cansados

Apesar da intensidade dos sintomas dos pacientes, a tenda do Sol Nascente e o HCamp tinham pouco movimento na manhã de ontem. A supervisora de um dos equipamentos de saúde admitiu estar aliviada por ter um dia mais tranquilo, depois de semanas com longas filas.

Segundo a profissional, que preferiu não ser identificada, nas tendas há, em média, dois enfermeiros, dois médicos e quatro técnicos de enfermagem por período. Os profissionais são realocados das unidades básicas de saúde (UBS) para os serviços de atenção à dengue. “A carga horária nas tendas é estipulada proporcionalmente pelo RH (recursos humanos) de cada UBS. As unidades que têm até quatro equipes (de médicos e enfermeiros) contribuem com uma carga menor para que a UBS não fique desassistida”, esclareceu.

Para acompanhar as condições de trabalho e o nível de atendimento dos enfermeiros durante a epidemia de dengue, o SindEnfermeiro-DF iniciou um plano de fiscalização nos equipamentos de saúde (HCamp, tendas, UPAs e UBSS). As visitas começaram na

terça-feira pela Estrutural, e ontem percorreram as regiões administrativas de Ceilândia, Recanto das Emas e Samambaia.

“Temos feito visitas para conseguir avaliar as reclamações recebidas dos profissionais de enfermagem. Muitos profissionais não estavam acostumados a fazer esse trabalho de ponta e foram remanejados de forma repentina. Muitos têm reclamado da quantidade de trabalho e a necessidade de fazer horas extras”, afirmou Márcio da Mata, diretor financeiro do SindEnfermeiros.

Segundo o sindicalista, as queixas são reflexo da falta de antecipação do GDF no planejamento do combate à dengue. “Profissionais de diversas localidades são alocados para completar o quadro de funcionários. Por isso, existe a necessidade de o GDF implementar a chamada de enfermeiros concursados para completar o quadro de funcionários nesses espaços”, concluiu.

PCR

O PCR é realizado somente nas UBSS e UPAs, porque se trata de um exame sorológico que precisa ser removido com mais rapidez para chegar ao Laboratório Central de Saúde Pública (LACEN). “O PCR é um exame de caráter epidemiológico, pois determina os subtipos da dengue, então para o paciente, do ponto de vista clínico, não tem influência no atendimento. Até saiu uma nota técnica dizendo que podemos encerrar os casos por critério clínico epidemiológico, então se sabemos que o paciente mora em um local com muitos casos confirmados, já podemos considerar que é dengue. Então é um exame que realmente não tem obrigatoriedade de colher na tenda”, detalhou uma enfermeira que não quis ser identificada.

Vacina

Na rede privada de laboratórios, os estoques do imunizante Qdenga acabaram e não há previsão de recebimento de novas remessas. Em nota, a Takeda, fabricante da vacina, afirmou que a distribuição de doses será limitada na rede privada para priorizar o SUS. A imunização pelo SUS priorizará crianças e adolescentes entre 10 e 14 anos, por ser a faixa etária que concentra o maior número de casos da doença.

O **Correio** consultou oito clínicos e laboratórios que comercializam a Qdenga: Neocentro, Beep, Clinfec, Imunocentro, Sabin, Amo Vacinas, Exame e Vaccine. A resposta de todos foi a mesma — os estoques acabaram e não há previsão de recebimento de novas doses.

Obituario

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Seputamentos realizados em

» Campo da Esperança

Alfredo Henrique Caldas de Souza, 59 anos
Anita Silva, 91 anos
Antônio Maximiano de Oliveira, 66 anos
Aurea Lopes da Silva, 70 anos
Divino Antônio Alves de Oliveira, 70 anos
Erci Maria de Souza, 81 anos
Francisca de Macedo Silva,

90 anos
Haroldo Ferraz da Nóbrega, 77 anos
Josefa Pereira Lima, 93 anos
Maria Xavier Barbosa, 97 anos
Sergina Augusta dos Santos Miranda, 77 anos
Sultana Larrat Salgueiro Bano, 91 anos
Vicente Miguel da Silveira, 83 anos

» Taguatinga

Agostinho Francisco da Silva, 91 anos
Antonella Dias Vieira, menos de 1 ano
Antônio Maria Vitor Soares, 70 anos
Cipriano Pereira da Mota, 89 anos
Ideni Chaves da Silva, 88 anos
José Carlos de França, 55 anos
Jovelina Gomes da Silva, 64 anos

Leidina Vieira Lopes, 70 anos
Manoel Lopes Muniz, 77 anos
Marizete Pereira Batista, 39 anos
Samuel Lino da Silva, 58 anos

» Gama

Eduardo Filhusi de Freitas, 53 anos
Eunice Rodrigues de Oliveira, 78 anos
Geraldo Antônio Batista, 67 anos
João Expedito Ferreira, 69 anos

Raimunda Rocha da Silva, 88 anos
Regina Lopes de Sousa, 90 anos

» Planaltina

Abdias Mendes da Silva, 84 anos
Agatha Lopes Dias, menos de 1 ano
Lourivalto Linhares, 69 anos

» Brazlândia

Joaquim Pinto Xavier, 93 anos
Cemitério de Sobradinho

Esdras Luiz de Sousa Duarte, 23 anos

» Jardim Metropolitano

Bento Pinheiro da Silva, [65] anos
Raimundo Gomes da Silva, [51] anos
Eliza Fontes da Costa, 95 anos
Antônio Fonseca Pimentel Júnior, 77 anos
Mária de Lourdes de Sousa, 77 anos